

Fernando Guimarães*

[Depoimento]

Sampaio Bruno, no seu livro de 1886 *A Geração Nova*, soube destacar o tão importante papel que as revistas literárias desempenham culturalmente. Numa passagem desse livro faz esta afirmação: elas “são largas sínteses de toda uma época artística, são, por assim dizer, resumos onde o historiador crítico das literaturas pode, mais facilmente do que em livros destacados, estudar o renascimento de uma literatura, a influência de um escritor, de uma teoria”.

Tal afirmação adapta-se perfeitamente a alguns momentos da nossa literatura, principalmente na segunda metade do século XIX e no século XX. Não nos esqueçamos de que o nome de Alexandre Herculano aparece no *Panorama*, o de Oliveira Martins ou Antero de Quental na *Revista Ocidental*, o de Teófilo Braga em *O Positivismo*, o de Eça de Queiroz na *Revista de Portugal* e, em torno das nossas primeiras manifestações do Simbolismo, a geração de 90 em *Boémia Nova* e *Os Insubmissos*. Depois, já no início do século XX, os saudosistas em *A Águia* e os modernistas no *Orpheu* e no *Portugal Futurista*. E estas são outras tantas direções fundamentais a partir das quais podemos entrever alguns dos momentos mais importantes da nossa literatura.

Foi precisamente na passagem da primeira para a segunda metade desse século, mais precisamente entre 1950 e 1951, que surgiram várias novas revistas. Em 1950, abrindo caminho a tal intervenção literária, principia a publicação da *Távola Redonda*. No ano seguinte, como se fossem réplicas, encontramos *A Serpente*, *Sísifo*, *Acto*, *Árvore*, *Unicórnio*, *Eros*. Se me perguntassem se colaborei em algumas destas revistas citaria a *Árvore* e a *Eros*. E destacaria particularmente esta última, pois foi nela que saíram os primeiros ensaios e os primeiros poemas meus. A revista em questão, na terceira página, trazia a seguinte epígrafe: “Do sensível ao inteligível – Platão”. Havia, pois, uma intenção. Ir ao encontro de uma certa exigência verbal e conciliar um espírito de modernidade, afastando-se todavia de intenções de vanguarda, que por essa altura começavam a afirmar-se no caso das movimentações surrealistas, fazendo uma opção que se diria mais racionalizada.

Nesta publicação, de que saíram quinze números, encontraram-se alguns futuros poetas e ensaístas que frequentavam um curso de Ciências Históricas e Filosóficas na Universidade de Coimbra (apesar da revista ter sido sempre editada em Lisboa). Eu era um deles, ao lado de José Manuel Ferrão (que assinava apenas com os dois primeiros nomes e teve uma ação primacial na preparação da revista), António José Maldonado e Jorge Nemésio. A estes nomes outros se juntaram: Vítor Matos e Sá, Fernando Echevarria, José Bento, Augusto Sobral, etc. Nela prestou-se também atenção a poetas estrangeiros, com poemas traduzidos, desde Kathleen Raine

– pela primeira vez traduzida em português – até Juan Ramón Jiménez.

Entretanto apareceu também a *Árvore*, onde colaborei com um texto de natureza ensaística, tratando de uma questão que sempre me interessou, a das relações entre a poesia e as artes plásticas. Curiosamente, fui convidado para colaborar porque o poeta Raul de Carvalho, que fazia parte da direção da *Árvore*, tinha lido um dos meus ensaios na *Eros* que saíra no seu primeiro número. Nesse tempo não deixava de haver um vivo interesse ou um sentido de aproximação quanto ao espaço ocupado por estas revistas literárias.

NOTA

* Fernando Guimarães é poeta, ensaísta e tradutor, professor do ensino secundário e investigador. Colaborou em várias publicações periódicas, não só como poeta, mas também como crítico literário. A sua obra ensaística centraliza-se no estudo de questões teóricas ligadas à estética, e da evolução da poesia portuguesa nos últimos cem anos, a partir de grandes movimentos como o Simbolismo, o Saudosismo ou o Modernismo.